

Mundos em Mudança

COORDENADORES

Lurdes de Castro Moutinho

Alberto Gómez Bautista

Helena Rebelo

Luís Pinto Salema

María Teresa Roberto

Paulo Osório

Rosa Lúcia Coimbra

Rosa Maria Lima

Tamara Flores Pérez



Mundos em Mudança

COORDENADORES

Lurdes de Castro Moutinho

Alberto Gómez Bautista

Helena Rebelo

Luís Pinto Salema

Maria Teresa Roberto

Paulo Osório

Rosa Lídia Coimbra

Rosa Maria Lima

Tamara Flores Pérez

MUNDOS EM MUDANÇA

COMISSÃO CIENTÍFICA DO VOLUME

Abdellilah Suisse | Universidade de Aveiro/CLLC, Portugal
Alberto Gómez Bautista | IISCAL/CLLC, Portugal
Amélia Polónia | Universidade do Porto/CITEM, Portugal
Ana Garrido | Universidade de Varsóvia, Polónia
Ana Margarida Ramos | Universidade de Aveiro/CLLC, Portugal
Ana Telma Monteiro de Sousa | Universidade do Estado do Pará, Brasil
Anthony Barker | Universidade de Aveiro/CLLC, Portugal
António Andrade | Universidade de Aveiro/CLLC, Portugal
Antonio Romano | Universidade de Turim, Itália
Carlos Morais | Universidade de Aveiro/CLLC, Portugal
Chiara Simonigh | Universidade de Turim, Itália
Danuta Ewa Gabrys-Barker | Universidade de Silésia, Polónia
David Callahan | Universidade de Aveiro/CLLC, Portugal
Elisa Fernández Rei | CLLC/Univ. de Santiago de Compostela/ILG, Espanha
Elisabetta Paltrinieri | Universidade de Turim, Itália
Elisabeth Teixeira | Universidade do Estado do Amazonas, Brasil
Francisco Pereira Smith Junior | IEMCI/Universidade Federal do Pará, Brasil
Gillian Moreira | Universidade de Aveiro/CLLC, Portugal
Helena Rebelo | Universidade da Madeira/CLLC, Portugal
Izabel Seara | Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Jean Léo Léonard | Universidade Paul Valéry – Montpellier 3, França
João Manuel Torrão | Universidade de Aveiro/CLLC, Portugal

José Sena | Museu Paraense Emílio Goeldi, Brasil
Leonardo Marcotulio | Universidade de Aveiro/DLC, Portugal
Luís Gonçalves | Princeton University, Estados Unidos da América
Lurdes de Castro Moutinho | Universidade de Aveiro/CLLC, Portugal
Maria Manuel Baptista | Universidade de Aveiro/CLLC, Portugal
Maria Teresa Alegre | Universidade de Aveiro/CLLC, Portugal
Maria Teresa Roberto | Universidade de Aveiro/CLLC, Portugal
Mário Avelar | Universidade de Lisboa/CEAUL, Portugal
Nicola Bermingham | Universidade de Liverpool, Reino Unido
Orietta Abbati | Universidade de Turim, Itália
Otilia Martins | Universidade de Aveiro/CLLC, Portugal
Paolo Mairano, Universidade de Lille, França
Paulo Osório | Universidade da Beira Interior/CLLC, Portugal
Regina Célia Fernandes Cruz | Universidade Federal do Pará, Belém, Brasil
Rosa Lúcia Coimbra | Universidade de Aveiro/CLLC, Portugal
Rosa Maria Lima | ESE de Paula Frassinetti/CLLC, Portugal
Sílvia Benchimol | Universidade Federal do Pará, Bragança, Brasil
Susan de Oliveira | Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Xosé Luis Regueira | Universidade de Santiago de Compostela/ILG, Espanha
Xulio Sousa Fernández | CLLC/Univ. de Santiago de Compostela/ILG, Espanha

Coordenação: Lurdes de Castro Moutinho | Alberto Gómez Bautista | Helena Rebelo | Luís Pinto Salema
Maria Teresa Roberto | Paulo Osório | Rosa Lúcia Coimbra | Rosa Maria Lima | Tamara Flores Pérez

Capa: Imagem de Juliana Gonçalves

Paginação: Pedro Panarra

© Autores. Esta obra encontra-se sob a Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0

Edições Húmus, 2023

End. Postal: Apartado 7081 – 4764-908 Ribeirão – V.N. Famalicão

Tel. 926 375 305

E-mail: humus@humus.com.pt

www.edicoeshumus.pt

1.ª edição: dezembro 2023

ISBN: 978-989-755-945-7

Impressão: Papelmunde – V. N. Famalicão

Depósito legal: 524975/23

Este evento foi financiado por fundos nacionais, através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I. P., no âmbito do projeto UIDB/04188/2020

Os conteúdos apresentados são da exclusiva responsabilidade dos respetivos autores.

índice

- 7 Apresentação
- 9 Presentation

CONFERÊNCIAS

- 13 Les vestiges d'une langue comme monument
et comme ressource de découverte
Antonio Romano
- 33 Ideoloxías lingüísticas e redes sociais en galego: Debates e usos
lingüísticos nunha lingua minorizada no contexto da globalización
Xosé Luís Regueira

COMUNICAÇÕES

- 67 A língua mirandesa na encruzilhada: uma reflexão sobre
mudança linguística e sustentabilidade
Alberto Gómez Bautista | Lurdes de Castro Moutinho
- 83 Le Supplément au Voyage de Bougainville,
une défense de l'anticolonialisme
Ana Fernandes
- 97 Viagem e mudança de aspectos prosódico-entoacionais
da fala de mulheres açorianas e brasileiras
*Beatriz Martins Rachadel | Victória Vivian Fôrmolo |
Izabel Christine Seara | Lurdes de Castro Moutinho*
- 123 Rádio pela Internet: Comunidade e pertença de ouvintes migrantes
Claudiene dos Santos Costa | Maria Érica de Oliveira Lima
- 139 A multiplicidade gráfica no CORGA: Métodos para o seu
recoñecemento automático
Eva María Domínguez Noya | María Sol López Martínez

- 163 Formação de leitores quilombolas: Uma proposta didático-pedagógica
Gabrielle Rodrigues de Oliveira | Célia Zeri de Oliveira
- 191 Feminino/ masculino/ neutro no fenómeno linguístico @
da linguagem inclusiva: a gramática do género em latim,
português e noutras línguas românicas
Helena Rebelo
- 219 A vitalidade de “amecê” no concelho de Machico (Madeira)
Jéssica Freitas Olim | Helena Rebelo
- 247 O alinhamento tonal e a variação prosódica em Minas Gerais
Leandra Batista Antunes
- 269 Production of Brazilian Portuguese intonational patterns
by russophone immigrants
*Luciana Lucente | Anna Smirnova Henriques | Pavel Skrelin |
Tatiana Kachkovskaia | Daria Guseva | Sandra Madureira*
- 287 Mudar de lugar, mudar de falar?
O que dizem os dados AMPER
Lurdes de Castro Moutinho | Rosa Lídia Coimbra
- 301 Projeto Literatura de Mulheres: memórias, periferias
e resistências no atlântico luso-afro-brasileiro
Margarida Rendeiro | Susan de Oliveira
- 321 Formação de professores e a diversidade linguístico-cultural
da sala de aula: novo cenário
Maria Aparecida Caltabiano
- 337 “Movimentos de fuga não são viagens”: A ficção distópica
de José Eduardo Agualusa
Maria do Carmo Mendes
- 349 The automated analysis of affective facial expressions
Mario A. S. Fontes | Sandra Madureira
- 365 Oralidad y textos escritos: El caso del cómic
Noemí Pérez Pérez
- 387 Reflections on the English language teaching in Brazilian public schools
Solange Maria Sanches Gervai
- 401 Romances históricos contemporâneos, vias ao pensamento decolonial
Thiana Nunes Cella | Gilmei Francisco Fleck

Rádio pela Internet: Comunidade e pertença de ouvintes migrantes

Internet radio:
Community and belonging of migrant listeners

CLAUDIENE DOS SANTOS COSTA | MARIA ÉRICA DE OLIVEIRA LIMA

Resumo: Investigamos como a transmissão pela Internet do programa de rádio “Sábado de todas as maneiras” atua no senso de pertencimento à Sobral, Ceará (Brasil). Na cultura da convergência dos media (Jenkins, 2015), a rádio sofre influências da entrada deste meio na Internet (Lopez, 2010), e o deslocamento geográfico percorrido por ouvintes em suas migrações não impede a vivência de aspectos de suas identidades ligadas ao local de origem, que ficou distante na contemporaneidade da globalização. Realizamos etnografia virtual (Hine, 2017) com ouvintes que encontram na rádio um comum mediático aglutinador (Sousa, 2010) na ligação com o território.

Palavras-chave: cultura; identidade; Internet; rádio; Sobral.

Abstract: We investigated how the Internet transmission of the radio program “Saturday in every way” acts on the sense of belonging to Sobral, Ceará (Brazil).

* Universidade Federal do Ceará

In the media convergence culture (Jenkins, 2015), radio is influenced by the entry of this medium into the Internet (Lopez, 2010), and the geographical displacement traveled by listeners in their migrations does not prevent the experience of aspects of their identities linked to the place of origin, which has become distant in the contemporary world of globalization. We observe interactions of listeners who find in radio a common unifying media (Sousa, 2010) in connection with this territory.

Keywords: culture; identity; Internet; radio; Sobral.

Introdução

Analizamos a escuta pela Internet do programa de rádio “Sábado de todas as maneiras”, veiculado a partir da cidade de Sobral, Ceará (Brasil) pela Tupinambá FM 100,1. Há 26 anos ele é apresentado pelo humorista sobralense Tupinambá Marques. Seu conteúdo é baseado nos lugares, hábitos e moradores daquela cidade, o que gera identificação com o público que compartilha daquele repertório. Por ser transmitido também via Internet, tornou-se independente o fato de se estar na cidade para tornar-se ouvinte, propiciando seu acompanhamento por quem mora em outras cidades, estados e até países. Consideramos que o veículo atua na manutenção de um senso de pertencimento daquele público à Sobral, pois o humor requer compartilhamento de repertório com os utilizadores para se fazer inteligível e gerar o riso (Bergson, 2020). Nesta pesquisa em curso no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (Brasil), em nível de doutoramento, fazemos etnografia virtual (Hine, 2017) de interações de ouvintes na página do radialista no Facebook. Buscamos observar aspectos das identidades culturais (Hall, 2020) de pessoas nascidas naquela região, mas que hoje moram em outros locais e têm nos conteúdos em múltiplas plataformas (Jenkins, 2015) a possibilidade de viver a pertencimento à Sobral com a escuta da rádio¹ pela Internet.

1 Apesar da pesquisa se passar no Brasil, onde se utiliza “o rádio” no género masculino com frequência, seguiremos neste texto o padrão de Portugal quanto a utilizar “a rádio”, no género feminino.

Migrações e identidades na globalização

Entre os conceitos trabalhados nesta pesquisa estão as migrações, vendo tal fenômeno, principalmente, sobre o ângulo das identidades coletivas multiculturais. Como alguns ouvintes do “Sábado de todas as maneiras” saíram do país, consideramos que a transnacionalidade põe em xeque a relação entre territórios e as orientações de pertencimento a unidades socioculturais, políticas e económicas das pessoas.

O Brasil pode figurar como contexto de chegada e, por outro lado, como contexto de partida de migrantes. As narrativas e histórias de vida de migrantes passaram a ocupar o espaço antes dado ao discurso da media, das elites e parlamentares, ou apenas a visão dos grupos majoritários sobre os migrantes. Localizamos aí nosso interesse, na narrativa de migrantes que tiveram a cidade de Sobral, ou pelo menos o estado do Ceará, como ponto de partida, e suas manifestações na página do Facebook do radialista Tupinambá Marques.

Sobre identidade de migrantes, a visão atual de identidade fragmentada pode ser reinterpretada de modo a captar a transitoriedade da situação dos migrantes, que afeta suas formulações sobre si mesmos, “uma noção de identidade sob a metáfora do “portal”, aquilo que emoldura um espaço de passagem de um local a outro, e adotam uma nova categoria analítica, que chamam de “pertencimento” (*belonging*)” (Freitas, 2008). Assim se contempla uma noção de identidade produzida por um processo contínuo que combina “ser” e “tornar-se”. Permite focar como os indivíduos e grupos almejam novos tipos de ligação a pessoas, a lugares ou a maneiras de ser. Neste sentido, observamos a escuta pela Internet do “Sábado de todas as maneiras” como um exercício dos ouvintes de ativamente utilizar a Internet para expressar aspectos de suas identidades no que se relaciona às histórias mostradas naquele programa da rádio.

A territorialidade é um dos diversos componentes das identidades. Para existir, as identidades dependem de uma negação, porque são também marcadas pela diferença e ganham sentido a partir da linguagem e da representação simbólica. À medida que os sistemas de significação se multiplicam, os indivíduos se deparam com uma possibilidade imensa de identidades, que vão sendo assumidas de acordo com o momento vivido, com a morada atual e o contexto em que estão inseridos.

O deslocamento ou fragmentação das identidades modernas é atribuído, sobretudo, ao caráter de mudança constante, rápida e permanente da globalização nas sociedades contemporâneas. Diferente dos modos de vida dos tipos tradicionais de ordem social, as sociedades modernas são permeadas por

descontinuidades, divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes “posições de sujeito” para os indivíduos. Porém, embora o sujeito esteja sempre partido ou dividido, ele vivencia sua própria identidade como se ela estivesse reunida e “resolvida”, herança das primeiras fases da vida.

Há ainda o conceito de identidade cultural, que surgiu como objeto de pesquisa nos Estudos Culturais (Escosteguy, 2010, p. 145) devido à desestabilização gerada pela modernidade e a discussão do panorama de crise moderno; e os processos de globalização que se intensificaram a partir desta última década do século XX. “As identidades culturais são pontos de identificação, os pontos instáveis de identificação ou sutura, feitos no interior dos discursos da cultura e história. Não uma essência, mas um posicionamento” (Hall, 1996, p. 70). São aspectos de nossas identidades que surgem de nossa “pertencimento” a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, principalmente, nacionais.

Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada” (Hall, 2020, p. 38).

Junto à maior velocidade e espectro de possibilidades de vida no mundo contemporâneo globalizado, Stuart Hall destaca como características positivas novas articulações, com a desarticulação de identidades estáveis do passado. Novas identidades e novos sujeitos são recompostos em torno de pontos nodais particulares de articulação. Num deslocamento, junções, cruzamentos, bifurcações e convergências são momentos de passagem de uma estrutura para outra. No caso de migrantes em relação a outros contextos culturais, mantém-se em uma cultura nacional conceitos preponderantes da “comunidade imaginada” (Anderson, 2006), como memórias do passado, desejo por viver em conjunto e perpetuação de heranças (Hall, 2020, p. 58).

Na cultura da convergência dos meios de comunicação (Jenkins, 2015), inclui-se nas possibilidades de contato as interações online, revelando a potência sociocultural das experiências ancoradas nos espaços de lugar, do testemunho de acontecimentos, trocas para reforço comunitário, gestão dos fluidos tempo e espaço, assim como novas formas artísticas, vão crescer nos próximos anos. “Trata-se de práticas que enfatizam o espaço de lugar, que servem como reforço comunitário, onde imagens, vídeos e sistemas de localização tornam-se formas de comunicação, de contacto com o outro, de conversação (Lemos, 2009, p. 13).

É próprio da globalização o surgimento de localismos diante da dificuldade em se lidar com os níveis ascendentes de complexidade cultural. “As dúvidas e

ansiedades são algumas das razões para a instalação do que chamou de “localismos”, ou o desejo de permanecer numa localidade delimitada e de “voltar ao lar” (Paiva, 2003, p. 29). A autora brasileira Raquel Paiva supõe que talvez o indivíduo, ao defrontar-se dentro da globalização com ordens tão variadas, acione uma estrutura que lhe permita reconhecer-se e não ser pulverizado, recorrendo cada vez mais e com maior vigor a facetas características do ambiente comunitário. Daí a importância das narrativas no interior de uma comunidade, cujas interpretações podem definir a organicidade do corpo social, a maneira como o grupo de indivíduos se relaciona com o mundo.

Neste sentido, vemos a importância das histórias contadas no programa “Sábados de todas as maneiras”, em lugares reais e baseadas no cotidiano de Sobral, na sustentação de uma imagem da cidade, de um espaço de pertencimento, uma noção de comunidade. A noção de comunidade vem sempre associada a termos como “território”, “solidariedade”, “igualdade”, “identidade”, “tradição” (Paiva, 2003), e tem como imagem, grosso modo, um grupo de pessoas vinculadas umas às outras por tradição e laços de solidariedade (Maia & Castro, 2006, p. 183).

Vivendo em comunidade, a sobrevivência de um grupo estaria garantida, ou seja, assim se possibilitaria condições de vida a todos diante de duras circunstâncias, naturais ou não, e as memórias seriam passadas para outras gerações, utilizando-se da linguagem. Assim, as relações comunitárias constituem formas de enraizamento dos indivíduos, contacto com outros grupos, considerando-se a coletividade e também o território ocupado pela dita comunidade, que no caso do objeto de pesquisa consideramos a cidade de Sobral (CE).

Quanto à identidade que desenvolvemos em relação a um território, a “identificação territorial”, esta foi tradicionalmente vinculada à cidade e à nação. Porém, atualmente, cede lugar a identificações de outras naturezas, nas quais os meios de comunicação têm importância decisiva. Contemporaneamente, a identidade é bem menos estável, fixa, enraizada. “De fato, é vista como algo a ser vivida livremente, constituída pelos indivíduos na multiplicidade de realidades culturais pelas quais trafegam. Nessas circunstâncias, os laços de fraternidade, de solidariedade se esvaziam ou se pluralizam ao extremo” (Maia & Castro, 2006, p. 184).

Ao focar em uma parcela de ouvintes que residem fora de Sobral, da versão do “Sábado de todas as maneiras” transmitida pela Internet, consideramos também a interculturalidade como uma convivência democrática entre diferentes culturas, buscando a integração entre elas sem anular sua diversidade, ao contrário, incentivando o potencial criativo e vital resultante das relações entre diferentes agentes e seus contextos. Este conceito de se aproxima do referenciado por Néstor García Canclini como hibridação, termo escolhido para “designar

as misturas interculturais propriamente modernas, entre outras, aquelas geradas pelas integrações dos Estados nacionais, os populismos políticos e as indústrias culturais” (García Canclini, 2006, p. 30). A identidade também foi vista a partir da diáspora (Hall, 2003b) e da mestiçagem (Martín-Barbero, 2013); além das identidades de resistência (Castells, 2018), criadas por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica de dominação, construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeia, as instituições da sociedade, ou mesmo opostos (Castells, 2018, p. 24).

Sobretudo, ressaltamos que os sujeitos não possuem uma identidade fixa, essencial e permanente, nem mesmo possuem uma única identidade. São identidades que se formam e se transformam ao passo que o sujeito é inserido em novos sistemas culturais (Hall, 2020). O contacto com novos sistemas culturais vem sendo expandido com a efervescência tecnológica, cada vez mais presente na contemporaneidade, levando as pessoas a inovar nas formas de se relacionar, aprender e transmitir informações, e compreender que as identidades não são fixas, e que a construção identitária é um processo de criação de discursos.

Recobramos aqui que as identidades culturais têm como característica a mutabilidade. E mesmo em comunidades mais remotas do globo, os efeitos da globalização, podem colocar em risco a manutenção dos modos e costumes regionais, dada a enorme facilidade de acesso a outras culturas. Porém, Hall argumenta que, junto com o impacto do global, foi percebido também um novo interesse pelo local. Isso porque a globalização, na forma da especialização flexível e da estratégia de criação de nichos de mercado, também explora a diferenciação. Assim, ao invés de pensar no global como substituindo o local, seria mais acurado pensar numa nova articulação entre o ‘global’ e o ‘local’ (Hall, 2020).

Com um alargamento do campo das identidades e uma proliferação de novas posições-de-identidade, além de um aumento de polarização entre elas, esses processos constituem outras consequências possíveis da globalização, apontadas por Hall: a possibilidade do fortalecimento de identidades locais ou a produção de novas identidades. Se a origem territorial de alguém é algo fixo, num campo de características mutantes, lembramos que “lugar” é específico, concreto, conhecido, familiar, delimitado; o ponto de práticas sociais específicas que nos moldaram e nos formaram e com as quais nossas identidades estão estreitamente ligadas.

Os processos de globalização diminuem a importância dos acontecimentos fundadores e dos territórios que sustentavam a ilusão de identidades a-históricas e ensimesmadas. Os referentes de identidade, pontua García Canclini (2001, p.

124), formam-se, agora, mais do que nas artes, na literatura e no folclore, na relação com os repertórios textuais e iconográficos gerados pelos meios eletrônicos de comunicação e com a globalização da vida urbana. Entre processos mediáticos e práticas de redes contemporâneas de relacionamento, a dimensão tradicional de pertencimento a comunidades vê-se hoje ampliada.

Senso de comunidade em ambiente de Internet

Quanto ao público que habita a Internet, por mais que tecnicamente desterritorializante, global e sem fronteiras, ele tem, neste novo espaço de sociabilidade, outras “formas de segmentar ainda mais sua identidade, ligando-se a grupos e estilos de vida cada vez mais específicos” (Sousa, 2010, p. 49). E há ainda os que não necessitam de uma comunidade para lhes garantir boas condições de sobrevivência. Isso seria uma responsabilidade e uma conquista de cunho individual.

Chegamos aí a uma tensão: enquanto a identidade é vivida como construção individual, a comunidade é uma forma de sociabilidade coletiva, onde o caráter político aparece inevitavelmente. Ainda mais, se a comunidade permanece como ideal – de um passado ou de um futuro – ou elemento discursivo, ela permite “vislumbrar algumas das marcas que constituem a fronteira flutuante entre público e privado, hoje, especialmente em relação aos processos de elaboração da identidade” (Maia & Castro, 2006, p. 184). O viver em comunidade, alerta o sociólogo Zygmunt Bauman, traz consigo ideais de proteção, segurança e identidade, sendo esta última a *substituta da comunidade*, do lar supostamente natural. Sobre identidade e comunidade, “Nenhuma das duas está à disposição em nosso mundo rapidamente privatizado e individualizado, que se globaliza velozmente, e por isso cada uma delas pode ser livremente imaginada, sem medo do teste da prática” (Bauman, 2003, p. 20). A vulnerabilidade das identidades individuais e a precariedade de sua construção, quando solitária, levam os construtores da identidade a procurar cabides onde possam “pendurar seus medos e ansiedades individualmente experimentados e, depois disso, realizar os ritos de exorcismo em companhia de outros indivíduos também assustados e ansiosos” (Bauman, 2003, p. 21).

Na cultura da convergência dos media (Jenkins, 2015), a construção narrativa da rádio segue fundamentada em uma base sonora mas é complementada pelo conteúdo multimedia de transmissão multiplataforma, inserido no contexto da tecnologia das informações, e sofre influências principalmente da rádio digital e da entrada deste meio na Internet (Lopez, 2010). Assim, o deslocamento

geográfico percorrido pelos ouvintes em suas migrações não impede a vivência de aspectos de suas identidades ligadas ao local de origem, que ficou distante na contemporaneidade da globalização.

Programas radiofônicos produzidos para comunidades de diáspora inserem-se numa estrutura de mediapaisagem, enquanto um conjunto de “comunidades imaginadas desterritorializadas”. O objetivo do programa para o público é, de certa forma, “reterritorializar” a comunidade emigrante na cultura do país que deixou. Para isso, aproveita a proximidade emocional e afetiva característica da rádio, com o meio sonoro favorecendo o pensamento nostálgico sobre a nação que se perdeu no momento da emigração. Se por um lado os media podem difundir conteúdos globais através de dispositivos tecnológicos para comunidades fisicamente distantes, numa perspectiva mais negativa podem criar comunidades sem sentido de lugar. O que está em jogo é a capacidade da rádio reproduzir a localidade da cultura do país de origem, assegurando também a “relocalidade” do país onde se encontram (Alves, 2017, pp. 330–331).

No mercado global de estilos, lugares e imagens, facilitado pelas viagens internacionais, imagens da media e sistemas de comunicação globalmente interligados, as identidades se tornam desalojadas de tempos, lugares, histórias e tradições específicos. A difusão do consumismo contribuiu para um efeito de “supermercado cultural”, onde diferentes identidades se mostram como escolhas e apelam a diferentes partes de nós. Inclusive as diferenças e as distinções culturais definidoras de identidade são reduzidas a uma espécie de moeda global, num fenômeno conhecido como “homogeneização cultural”, o “grito angustiado” daqueles que estão convencidos de que a globalização ameaça solapar as identidades e a “unidade” das culturas nacionais (Hall, 2020).

Outro caminho, além da homogeneização, é a assimilação ou ainda a tradução, com o sentido de “transferir”; “transportar entre fronteiras”. Identidades traduzidas seriam o produto das novas diásporas criadas pelas migrações pós-coloniais, onde as pessoas aprendem a habitar mais de uma identidade, a falar linguagens culturais, a traduzir e a negociar entre elas, como as culturas híbridas. São as formações de identidade compostas por pessoas que foram dispersadas para sempre de sua terra natal. Elas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas não acalentam a ilusão de um retorno ao passado. São obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades.

Observamos também no “Sábado de todas as maneiras” características do programa da rádio que se referem, mais do que à memória do radialista Tupinambá Marques sobre Sobral, à memória de uma coletividade. Associamos

ao termo memória as ideias de registro, no sentido de gravação em um suporte; repositório (armazenamento); lembrança, como testemunho ou prova; passado (conservação), acesso recorrente, no caso de recuperação; comemoração (evocação de fatos; testemunhos), estando essas acepções associadas ao conceito de informação. Os sistemas de informação, seja os analógicos ou digitais, esforçaram-se em imitar as funções da memória e, como tal, as funções de registro, repositório, acesso, recuperação, conservação ou preservação constituem-se como “funções indissociáveis da produção, da organização e do uso da informação e estabelecem pilares essenciais de qualquer sistema de informação” (Passarelli et al., 2014, p. 91). Outrossim, a memória pode ser compreendida como mais do que uma prática de recuperar no tempo fatos, informações e circunstâncias, mas o modo como, no presente, enquadramos os fatos que nos antecederam.

Mais do que para compreender o passado, a memória é acionada para tensionar e buscar entender o presente e projetar o futuro. Inclusive utilizando memória produzida pela mídia, Bianchi (2010) destaca o importante papel dos meios de comunicação na constituição da memória coletiva. A autora investiga configurações midiáticas, no caso do rádio, que transpõem para o presente aspectos de uma memória radiofônica construída com o passar dos anos, e as caracteriza como “buscar refletir sobre o que foi vivido, mas não uma vivência guardada no passado, e sim a experiência que ainda hoje está presente, pois configura a trajetória do indivíduo com as mídias” (Bianchi, 2010, p. 15). A rádio pode se colocar como um ambiente de inscrição ou mesmo reinscrição dos fatos que ele testemunha e registra, seja nos agenciamentos de temas e perspectivas para os ouvintes, seja na busca de uma revisão história dos próprios acontecimentos em si, à luz da atualidade, potencializando-os e recondicionando-os.

Muitas imagens podem estar carregadas de simbolismos e significados para, por exemplo, nordestinos, os nascidos na região Nordeste do Brasil, e para outros brasileiros sequer ter o mesmo valor informativo. Isso porque as informações, ou códigos, são decodificados de forma diferente pelo público (Hall, 2003a). A perspectiva de uma recepção linear, numa mensagem enviada por um emissor para um receptor, no início das pesquisas em comunicação de massa, discorda do entendimento contemporâneo de mensagens carregadas de elementos significativos e fluxos variáveis de produção e consumo, ainda mais nas plataformas digitais de usuários com múltiplos papéis.

Daí a conexão na boa recepção das referências a Sobral, ao humor do estado do Ceará, pois os lugares e tipos da cidade são reconhecidos pelo público que frequentou aquela cidade. A codificação pode ser naturalizada num escopo de códigos amplamente distribuídos em uma cultura, aprendidos desde cedo que

chegam a parecer não terem sido construídos. “A operação de códigos naturalizados revela não a transparência e a ‘naturalidade’ da linguagem, mas a profundidade, o caráter habitual e a quase universalidade dos códigos em uso” (Hall & Sovik, 2003).

Nesta articulação pertencimento-comunidade, ampliam-se as reflexões para comunidade imaginada, comunidade virtual, comunidade de apropriação, comunidade interpretativa, comunidades hermenêuticas, além das redes contemporâneas de relacionamento mediadas por novas tecnologias. Os fluxos informacionais e físicos deixam mais frágeis referências coletivas e utopias, levando à busca de novas formas de enraizamento e desenraizamento, e oscilação de compromissos, normas e valores. “Assim, a dimensão simbólica compartilhada em práticas que geram identificação, se é um traço constitutivo da comunidade, hoje não se vincula necessariamente a territórios físicos delimitados” (Sousa, 2010, p. 38). Não pressupõe lugares nem o contacto face a face, mas resguarda-se na materialidade visível de interesses sendo compartilhados e que envolvem participação, assegurando-se como linguagem de pertencimento (Paiva, 2003, p. 68).

Ainda sobre a unidade reconhecida na diversidade, o modelo radiofónico baseado na comunidade é fundamental para “contrariar os efeitos de uma globalização que tende a tornar tudo indiferenciado e homogêneo”, acentua Madalena Oliveira (2014). No contexto radiofónico, em que impera a base sonora, a rádio, em geral, e os projetos comunitários, em particular, cumprem um papel especialmente relevante na defesa da identidade linguística. “Assente na palavra – que é o seu elemento plástico dominante –, ela oferece uma possibilidade para insistir na diferenciação linguística, que é uma questão não apenas de código gramatical, mas também de sons, de ritmos, de materialização de afetos (Oliveira, 2014, p. 54).

As potencialidades da rádio para o reforço de laços históricos e simbólicos se amparam na comunicação “entendida como contacto, relação e interação, partilha não apenas de ideias, mas também de emoção, sensações e afeição. Ora, compreendendo todas estas ações, o espírito da rádio é essencialmente o de construir comunidade” (Oliveira, 2014, p. 51). Esse efeito agregador, de reunir pessoas para ouvi-lo, promove uma relação intimista, o que contrasta com os contextos de escuta hoje muito mais marcados por práticas de individuação. Ainda assim, sintonizar uma rádio é uma forma de integrar comunidade de ouvintes que partilham interesses, gostos, preferências musicais e sensibilidades humorísticas”.

Senso de pertencimento em rádio: de Sobral ao mundo

Utilizamos nesta pesquisa a metodologia da Etnografia Virtual (Hine, 2017) na escuta do programa “Sábado de todas maneiras” em sua versão pelo Facebook, a partir da página pessoal de seu apresentador, o humorista Tupinambá Marques, concomitante à sua transmissão pela rádio analógica na estação Tupinambá FM 100,1 em Sobral, Ceará (Brasil).

Ressaltamos que, no ambiente digital, valores, sentidos, conhecimentos, narrativas e representações são ressignificados pela interação dos atores em rede, o que exige uma postura de imersão e a observação participante do pesquisador, sem dispensar a necessidade de distanciamento do olhar na interpretação da situação detetada. Essas perspectivas vem sendo garantidas pela incorporação da etnografia virtual (Hine, 2017). “A partir da ótica etnográfica, as pesquisas buscam identificar, interpretar e compreender o modo como os atores em rede constroem e desenvolvem novos hábitos, usos, sentidos e narrativas e a maneira como se apropriam das novas tecnologias da informação e da comunicação” (Passarelli et al., 2014, pp. 98–99).

O objetivo é a análise crítica e a interpretação das culturas produzidas pelos agentes na Internet, onde se reconfiguram identidades, sociabilidades e novas formas de reterritorialização da vida em interatividade. As possibilidades de experienciar o “real” se ampliam, em “relações virtuais, assim estabelecidas pelos atores na e pela rede, dadas sua fluidez, sua multiplicidade e sua impermanência”. Podem ser utilizados como modos de captura de informações a coleta dos dados disponíveis no próprio ambiente on-line frequentado pela comunidade em foco, como dados de arquivo, sem influência do pesquisador, até dados extraídos, de entrevistas, e de campo, a partir da observação direta do pesquisador sobre a interação dos participantes e de sua própria participação.

As mensagens listadas no quadro abaixo foram colhidas durante a transmissão do programa pela Internet, originariamente nas tardes de sábado, desde o início do curso de Doutorado em Comunicação na Universidade Federal do Ceará em 2019. A pequena amostra neste artigo compõe quadros maiores na pesquisa ainda em andamento, e separamos apenas os de ouvintes moradores fora da cidade de Sobral. Foram acrescentados os respectivos locais de moradia dos ouvintes que deixaram as mensagens, conforme relatado em suas páginas pessoais no Facebook.

Amigo, os sobralenses que moram em outra cidade tem que acompanhar pelo rádio o que acontece em nossa urbe! (Fortaleza/Ceará)
Olá, meu amigo Tupinambá. Tô aqui no Rio de Janeiro na sua escuta. Um abraço a todos os sobralenses. Sou seu fã. (Rio de Janeiro)
Parabéns, Babá, e toda sua equipe. Sobral, a zona norte, o Brasil e seus internautas no mundo afora, que são seus fiéis seguidores. (São Paulo)
“Tarde boa!!!! Saudades do meu Sobral – Ceará!!!!” (Rio de Janeiro)
“Hoje a saudade da minha cidade bateu forte” (Santa Catarina)
“Foi um enorme prazer ter feito uma visita a sua pessoa, pois além de fã e acompanhar pelo Facebook o seu programa, a partir de agora, já que não o conhecia pessoalmente, adquiri um carinho e apreço à sua pessoa. Grande abraço, meu amigo” (Paraná)
“Babá, um forte abraço. Estamos juntos até em Coimbra, PT” (Portugal)
“Alô, amigo, tô aqui em Lisboa, Portugal! Aqui em Portugal é 19h24. Abraço” (Portugal)
Oi, Babá. Manda um abraço para os meus sogros que estão aqui em casa por favor? Estamos na França. Em Montepelier. Um abraço. Saudades. Meu sogro vai te adicionar no Facebook. Gostou muito do programa. (França)
Sou de Groáiras. Moro na Itália há quatro anos. (Itália)
Olá, Babá. Estamos em Buenos Aires assistindo seu programa. São 13 sobralenses que invadiram Buenos Aires. (Argentina)

Fonte: autoria própria.

Percebemos nos relatos dos ouvintes, escolhidos entre o corpo de amigos do radialista no Facebook, manifestações de afeto ao apresentador e à região da cidade-tema do programa, com saudosismo de ouvintes que afirmam morar atualmente em locais como a capital do estado do Ceará, Fortaleza (distante 230 km de Sobral), e outros estados do Brasil a mais de 3 mil quilômetros (São Paulo e Rio de Janeiro), até a região ao extremo oposto do Ceará, como Santa Catarina, no sul do país. Há também relatos do estrangeiro, alguns em país também lusófono, e outros como a ouvinte na Itália, que conta ter nascido em pequena cidade vizinha a Sobral, com atualmente população de 11 mil pessoas. Uma sobralense que conta morar atualmente na França relata que estava a receber os sogros em casa. Cita a expressão “Saudades”, de uso bastante comum no Brasil, para designar lembrança afetuosa de algo ou alguém ausente.

A característica de afetividade e proximidade para com o ouvinte por parte da rádio consegue reproduzir numa instância mediática a localidade – versus a globalidade – procurada pelas comunidades ausentes do seu país de nascimento, assegurando também a “relocalidade” do país onde se encontram (Oliveira & Prata, 2015). Sintonizar uma rádio é uma forma de “integrar uma comunidade de ouvintes que partilham interesses, gostos, preferências musicais e até, em muitos casos, sensibilidades humorísticas” (Oliveira, 2014, p. 51). As potencialidades da rádio para o reforço de laços históricos e simbólicos se amparam na comunicação “entendida como contacto, relação e interação, partilha não apenas de ideias, mas também de emoção, sensações e afeição”, prevalecendo o espírito essencial da rádio de construir comunidade.

Conclusões

Consideramos que a transmissão do “Sábado de todas as maneiras” pela Internet possibilita que os ouvintes distantes fisicamente da cidade-tema do programa tenham experiências de comunidade, ainda que em ambiente de Internet cada ouvinte viva longe um do outro, o que outrora era condição indispensável de uma comunidade.

Mais um aspecto relacionado à escuta do referido programa radiofónico pela Internet é que, num cenário de globalizações ou mundializações de culturas diferentes, a valorização de identidades locais ou regionais é um reforço de fronteiras, uma necessidade de valorizar marcos de referência mais próximos de si, numa significação ampliada e atualizada do conceito de pertencimento. Nesse sentido, o local de origem é favorecido nesta agregação de valor do que é de certa forma imutável, no leque disponível de características mutáveis que compõem as identidades dos migrantes.

O ato de ouvir a rádio pode configurar um ritual de produzir vínculos sociais, o que liga os indivíduos entre si e entre eles, como se dá entre ouvintes do “Sábado de todas as maneiras”. Este público compartilha a memória mostrada no programa sobre a cidade em que alguns viveram uma época da vida e representa uma parcela de sua identidade, ligada à territorialidade. O pertencimento a este grupo, nem que seja por instantes, durante a transmissão da rádio, conforma uma aglomeração social com forte componente emotivo, onde os ouvintes produzem subjetividade e vivem a imagem de uma sociedade numa comunidade emocional. O alívio da solidão, em relação a estar longe do lar original, vem no processo de afirmação do indivíduo no grupo, e do grupo no todo social.

Referências

- ALVES, A. T. P. da C. (2017). *Os sons da lusofonia: contextos multiculturais do serviço público de rádio em Portugal e no Brasil*. Universidade do Minho. [https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/50817/1/Ana Teresa Pintassilgo da Costa Alves.pdf](https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/50817/1/Ana%20Teresa%20Pintassilgo%20da%20Costa%20Alves.pdf)
- ANDERSON, B. (2006). *Imagined communities: Reflections on the origin and spread of nationalism*. Verso books.
- BAUMAN, Z. (2003). *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Jorge Zahar.
- BERGSON, H. (2020). *O riso: ensaio sobre a significação do cômico*. Edipro.
- BIANCHI, G. S. (2010). Memória radiofônica – a trajetória da escuta passada e presente de ouvintes idosos. In L. A. Ferraretto & L. Klöckner (Eds.), *E o rádio? - Novos horizontes midiáticos* (pp. 11-27). Edipucrs.
- CASTELLS, M. (2018). *O poder da identidade - A era da informação: economia, sociedade e cultura* (Vol. 2). Editora Paz e Terra.
- ESCOSTEGUY, A. C. D. (2010). *Cartografias dos estudos culturais: uma versão latino-americana*. Autêntica.
- FREITAS, L. G. de. (2008). *Discurso e Identidade em Narrativas de Migrantes*. Universidade de Brasília.
- GARCÍA Canclini, N. (2001). *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. UFRJ.
- GARCÍA Canclini, N. (2006). *Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade*. EDUSP. <https://www.redalyc.org/pdf/3371/337127148010.pdf>
- GUSHIKEN, Y. (2004). *Noites-Máquinas: comunicação e subjetividade em festas rave*. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- GUSHIKEN, Y. (2020). Circuitos Culturais e Comunicacionais no Brasil: Reinventando os meios e as mediações. *La Comunicación Pública En Iberoamérica: I Conferencias de Las Cumbres Iberoamericanas de Comunicadores* (pp. 395-408). [http://www.dspace.uce.edu.ec:8080/bitstream/25000/21913/1/La comunicaci3n p3blica en Iberoam3rica.pdf#page=395](http://www.dspace.uce.edu.ec:8080/bitstream/25000/21913/1/La%20comunicaci%C3%B3n%20p%C3%BAblica%20en%20Iberoam%C3%A9rica.pdf#page=395)
- HALL, S. (1996). Identidade Cultural e Diáspora. *Revista Do Patrim3nio Hist3rico e Art3stico Nacional*, 24, 68-75.
- HALL, S. (2003a). Codifica33o/decodifica33o. *Da Di3spora: Identidades e Media33es Culturais*, 1, 364-381.
- HALL, S. (2003b). Identidade cultural e di3spora. *Da Di3spora*, 392-403.
- HALL, S. (2020). *A identidade cultural na p3s-modernidade* (12th ed.). Lamparina Editora.
- HALL, S., & Sovik, L. (2003). *Da di3spora: identidades e media33es culturais*. UFMG.
- HINE, C. (2017). Ethnographies of online communities and social media: Modes, varieties, affordances. In *The SAGE handbook of online research methods* (Vol. 2, pp. 401-415). Sage Publications London.

- JENKINS, H. (2015). *Cultura da convergência*. Aleph.
- LEMOS, A. (2009). Nova esfera conversacional. In D. A. Künsch, D. A. Da Silveira & et al S.A. (Eds.), *Esfera Pública, redes e jornalismo* (pp. 9-30). Ed. E-Papers.
- LOPEZ, D. C. (2010). *Radiojornalismo hipermediático: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica*. LabCom. http://labcom.ubi.pt/ficheiros/20110415-debora_lopez_radiojornalismo.pdf
- MAIA, R., & Castro, M. C. P. S. (Eds.) (2006). *Mídia, esfera pública e identidades coletivas*. Editora Ufmg.
- MARTÍN-BARBERO, J. (2013). Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. In *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia* (5th ed.). UFRJ.
- OLIVEIRA, M. (2014). Colônias de som: O papel da rádio na expressão sonora das lusofonias. *Atas Do IV Congresso Internacional Em Estudos Culturais*, 50–55. https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/40729/1/MO_2014_atas_congresso_estudos_culturais.pdf
- OLIVEIRA, M., & Prata, N. (2015). Rádio em Portugal e no Brasil: trajetória e cenários. In *Rádio em Portugal e no Brasil: trajetória e cenários*. CECS Universidade do Minho. http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/39717/1/MO_NP_radioptbrasil.pdf
- PAIVA, R. (2003). *O espírito comum: comunidade, mídia e globalismo* (2a. edição). Mauad.
- PASSARELLI, B., Silva, A. M. da & Ramos, F. (2014). *E- infocomunicação: estratégias e aplicações*. Editora Senac.
- SOUSA, M. W. De. (2010). O pertencimento ao comum mediático: a identidade em tempos de transição. *Significação*, 34, 31-52. <https://www.revistas.usp.br/significacao/article/download/68112/70670/89544>